

O próprio Lutero ainda experimenta um profundo receio ante as mais primitivas origens da Criação. "E, no entanto", lamenta-se êle, "fracos e incertos, somos levados a tal e queremos sondar e compreender a majestade incompreensível do incompreensível esplendor dos milagres de Deus. Pois não sabemos que Êle mora numa luz à qual não se pode alcançar?". Sem dúvida, temos de ensinar quão insondável e incompreensível é a vontade de Deus. Mas, atrever-se a compreendê-la, é extremamente perigoso e neste exercício arrisca-se a gente a tropeçar e quebrar o pescoço na queda".

O catolicismo, aliás, tinha apenas autorizado o estudo racional dos segredos universais contanto que a Ratio não entrasse em conflito com a Revelação. Pois, segundo a opinião católica, o que contradizia o dogma só podia ter sido erradamente raciocinado; porquanto Razão e Revelação, como formas do conhecimento que se harmonizam, deviam necessariamente conduzir aos mesmos resultados. Segundo Tomaz de Aquino, a própria fé é uma "cognitio" dirigida para o transcendente, constituindo, porisso mesmo, um complemento orgânico e uma concentração do conhecimento. Mas a razão tem de sempre ficar subordinada à revelação. Assim se explica por que, durante toda a Idade-Média, a filosofia é tida como a "ancila da Teologia".

Durante séculos, o pensamento racional do Ocidente se conformou dócilmente a essa posição servil. Ao menos ficou salva a aparência duma humilde dependência da razão aos dogmas da fé.

Embora Descartes estabeleça a tese de que qualquer fenômeno, desde a revolução dos astros até o bater do coração dos animais pode ser interpretado mecanicamente, continua, todavia, a considerar Deus como a primeira e mais geral causa de cada acontecimento. Quando expõe sua teoria da origem do mundo formado de corpúsculos, previamente observa não haver dúvida que Deus tivesse criado o mundo duma só vez. Apesar-disso, observa êle, é sumamente interessante de examinar teoricamente de que outro modo também o mundo poderia ter-se formado.

Até mesmo um Locke julga-se obrigado a justificar o emprêgo que faz da razão no seu sistema filosófico, declarando que essa razão é "mera função da revelação" e pede-nos meditar quão reduzido, "nem mesmo um ponto, um quasi nada", é o círculo do "que nosso pensamento apreende, relativamente ao que se encontra além do alcance de nossa razão".

Somente os pasmosos resultados atingidos pelas ciências naturais experimentais do fim do século XVII e do século XVIII foi que deram aos homens a coragem de já não se importarem com os dogmas da teologia e de livremente penetrar cada vez mais fundo no mundo das causas naturais, vindo sempre a descobrir, atrás do pretenso arbítrio divino, a ação duma necessidade logicamente apreensível e calculável. Um fenômeno após outro se ia assim tornando acessível ao

método das ciências físicas, encontrava uma explicação científica, mostrava-se redutível a alguns princípios claramente formulados.

Hobbes foi o primeiro a retomar a idéia expressa por Lucrécio. Ousa afirmar que o "medo das potências invisíveis" provém ou de ficções ou da tradição, e chama-se ora religião, ora superstição, mas sempre é a expressão duma falta de compreensão das leis conforme as quais tudo acontece.

A concepção de Galileu, segundo a qual a natureza está "escrita na língua da matemática", torna-se agora a base da ciência. Graças ao número, o "órgão da ciência da natureza" introduzido por Descartes no pensamento moderno, todos os fenômenos por mais arbitrários e incompreensíveis que pareçam, são transformados em quantidades mensuráveis e ponderáveis. De todos os lados, os algarismos penetram a natureza. Sempre que qualquer fenômeno se deixa representar em relações numericamente formuláveis, logo como por virtude duma fórmula mágica, perde sua sinistra e misteriosa irreiterabilidade.

Em vez das "formas substanciais", das propriedades qualitativamente diferenciadas, das particularidades desconhecidas e da mutação das coisas, com que operara o pensamento escolástico, falamos agora de matéria uniforme, não-qualitativa, perpétuamente igual, exprimível em relações numéricas, capaz de tomar os aspectos mais diversos, de acôrdo com a forma, a posição e o tamanho. Todo fenômeno se produz segundo as leis do choque, da repulsão e da gravitação. Fenômenos naturais são meros movimentos e transferências de movimentos. Qualquer "devenir" e "perecer" é apenas uma união e uma separação de átomos.

* * *

Bacon de Verulam já ponderara que fazer pesquisas a respeito de finalidades na ciência da natureza constituía uma espécie de idolatria, porque, na esfera do mundo real, todo método teleológico de investigação é "infrutífero e estéril como uma virgem consagrada a Deus". A época da Aufklaerung continua a observar fielmente este principio essencial, limitando-se a pesquisar as (relações causais) as "causas operantes" em que se baseia tudo o que sucede. Deste modo, são definitivamente afastados, tanto o plano da criação, como também Deus, o supremo fim de todas as coisas.

Neste cosmos, em que tudo se passa apenas em virtude de causas necessárias, mercê duma reciprocidade calculável de causas e efeitos, não há possibilidade de "descobrir um vestígio sequer dum dedo dotado de arbítrio" que tivesse assinalado suas órbitas aos astros e aos cometas.

"Diante de todas as representações que se fazem de Deus", escreve Diderot, "da sua propensão à cólera, da severidade de sua vingança, do grande número dos que deixa perecer, comparado aos poucos